

## **SEXUALIDADE NA ESCOLA: METODOLOGIAS DIDÁTICAS ALTERNATIVAS NA ABORDAGEM DO TEMA INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS E RELAÇÕES SEXUAIS NO ENSINO MÉDIO**

Raizze da Costa Avellar (1); Pedro Emmílio de Lima Marinho (1); Jailma Ferreira da Silva (1);  
Fabríolla Maria de Alencar Rodrigues (2); Maria de Fátima Camarotti (3)

(1) *Discentes de Ciências Biológicas - Centro de Educação - Universidade Federal da Paraíba -*  
[pedro.elm@hotmail.com](mailto:pedro.elm@hotmail.com)

(2) *Docente de Biologia no Ensino Básico – CEEA Sesquicentenário*

(3) *Docente do Centro de Educação – Universidade Federal da Paraíba*

As Infecções Sexualmente Transmissíveis são compreendidas como agentes infecciosos que podem desencadear as Doenças Sexualmente Transmissíveis, estando entre os problemas de saúde pública mais frequente em todo mundo, principalmente nos países em desenvolvimento. Considerando que os casos de ISTs ocorrem principalmente entre adolescentes na faixa de risco, a educação exerce um papel fundamental na redução dessas infecções por meio da promoção de debates a respeito da temática e, possibilitando assim, a mediação de reflexões atitudinais para a construção de novos saberes visando sobretudo a prevenção dessas infecções. O tema Orientação Sexual é abordado como Tema Transversal nas escolas, mas apesar da flexibilidade do currículo muitos professores não desenvolvem os conteúdos sobre sexualidade, pois alegam principalmente o despreparo pedagógico. Este trabalho objetivou expor um relato de experiência de discentes do curso de Ciências Biológicas modalidade licenciatura da Universidade Federal da Paraíba no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência quando da execução de intervenção pedagógica na temática de sexualidade e ISTs. A intervenção teve como público alvo cerca de 200 estudantes da terceira série do Ensino Médio de uma escola estadual na cidade de João Pessoa na Paraíba. Realizou-se primeiramente a aplicação de um questionário pré-teste para avaliar o nível de conhecimento dos discentes a respeito do tema e com a análise dos questionários foi norteada a execução da intervenção. Em seguida, foram realizadas duas intervenções pedagógicas, uma de perguntas e respostas através de caixa com perguntas anônimas e outra de estudos de casos clínicos sobre ISTs. Observou-se que houve considerável participação e envolvimento dos educandos nas atividades realizadas, apesar da recusa de alguns em participar. Conclui-se que a utilização de diferentes estratégias didáticas proporcionou notável engajamento dos alunos na intervenção, sanando diversas dúvidas relativas ao tema de sexualidade e ISTs. Vem também os bolsistas reforçar o aprendizado construído através do trabalho com temática especialmente difícil.

Palavras-chave: ISTs, DSTs, Adolescentes, Ensino Médio.

## 1- Introdução:

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM) (2000) a decisão sobre o quê e como ensinar em Biologia, não se deve estabelecer como uma lista de tópicos em detrimento de outra, ou seja, de forma arbitrária. Mas sim, de forma a promover, no que compete à essa disciplina, os objetivos educacionais, estabelecidos pela resolução n.º 003/1998 do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica (CNE/CEB), que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM) (1998a), as quais organizam as áreas de conhecimento e orientam a educação à promoção de valores como a sensibilidade e a solidariedade.

Tendo em vista essas orientações e os objetivos instituídos, pode-se observar que há aspectos da Biologia que têm a ver com a construção de uma visão de mundo, alguns práticos e instrumentais para a ação e, ainda aqueles, que permitem a formação de conceitos, a avaliação, a tomada de posição cidadã (BRASIL, 1998a). Para tanto, surgem os Temas Transversais (TT), os quais tratam de processos que estão sendo intensamente vividos pela sociedade, pelas comunidades, pelas famílias, pelos alunos e educadores em seu cotidiano e podem ser debatidos em diferentes espaços sociais, em busca de soluções e de alternativas, confrontando posicionamentos diversos tanto em relação à intervenção no âmbito social mais amplo quanto à atuação pessoal (BRASIL, 1998b).

Com isso o currículo ganha em flexibilidade e abertura, uma vez que os temas podem ser priorizados e contextualizados de acordo com as diferentes realidades locais e regionais e que novas proposições sempre podem ser incluídas. Logo, a abordagem de temas transversais constitui um processo formal e sistematizado que acontece dentro da instituição escolar, exige planejamento e propõe uma intervenção por parte dos profissionais da educação (BRASIL, 1998b). Portanto, evidencia-se o papel do professor como responsável pela criação de problemas que levem os alunos a discutirem, refletirem sobre um conhecimento científico e, se possível, propor alternativas para a melhoria de sua vida bem como de toda a sociedade.

Considerando que as primeiras relações amorosas começam a surgir ainda no período escolar e com isso surgem inúmeras curiosidades acerca do próprio corpo e o corpo do outro falar sobre sexo para muitos adultos não é fácil. Entretanto, é algo necessário, até porque como salienta Barros (1998) e muitos estudiosos da Psicologia do desenvolvimento é por volta dos dez anos de idade que os adolescentes começam a valorizar o tema, necessitando de uma atenção redobrada da sociedade, este impulso sexual se manifesta muito cedo durante amamentação onde ocorre a troca de carinhos e intimidade entre mãe e filho.

Tendo em vista isso e a flexibilização do currículo diante dos temas transversais, considera-se a Orientação Sexual como uma discussão que deve ultrapassar as fronteiras disciplinares e de gênero,

aonde permeiam as conversas entre meninos e meninas. Cabe à escola abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno a encontrar um ponto de auto referência por meio da reflexão. Devendo a instituição ensino problematizar, levantar questionamentos e ampliar o leque de conhecimentos e de opções para que o aluno, ele próprio, escolha seu caminho. Os PCN acentuam ainda que a Orientação sexual não tem caráter de aconselhamento individual de tipo psicoterapêutico, sendo assim não-diretiva (BRASIL, 1998b).

Dentro do tema, os conteúdos foram organizados em três blocos: corpo como matriz da sexualidade, relações de gênero e a prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS. Para tratar-se deste último bloco de conteúdo é importante que se eleja um (ou mais) momento (s) em que esse tema seja diretamente abordado, como trabalho planejado e sistematizado (BRASIL, 1998b). Pois, a abordagem desse tema é de suma importância para desenvolver competências na área de formação sexual dos adolescentes, formando-os e prevenindo-os para eventuais situações de risco, tornando-os cidadãos responsáveis pelos seus atos (MARQUES; ROSA, 2012).

Entretanto, Carvalho & Bertolli-Filho (2011) alega que na realidade os professores demonstram ter dificuldades para desenvolver os conteúdos sobre sexualidade por despreparo pedagógico; limites decorrentes das carências na formação inicial; dificuldades devidas à sobreposição de dogmas religiosos; pressão por parte das equipes diretivas e por parte das famílias dos alunos em não assumir discussões contundentes; crer que as atividades desenvolvidas percam o “status” de aula; interferências de tabus, preconceitos e pensamentos do senso comum.

Contudo, as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) estão entre os problemas de saúde pública mais comuns em todo o mundo. Nos países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, com três quartos da população mundial e 90% das DSTs no mundo. A questão das drogas também ganhou importância para a prevenção de DST/aids, não apenas em função do risco de transmissão da aids por meio de seringas e agulhas contaminadas. O uso de drogas psicoativas também é considerado um importante fator para a negligência na proteção, especialmente no uso de preservativos.

Vale ressaltar que a Infecção Sexualmente Transmissível é entendida como sendo agentes infecciosos que podem desencadear as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST). Em decorrência do agente infeccioso não provocar danos ou manifestações clínicas, a infecção é considerada como subclínica, e os portadores são denominados de assintomáticos, os quais podem transmitir as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Logo, nem sempre uma infecção sexualmente transmissível se desenvolve em uma doença sexualmente transmissível, já que muitas pessoas que foram infectadas pela via sexual não tiveram obrigatoriamente a aparição de sintomas, que também depende da imunidade da pessoa contaminada (GONGORA; SILVA, 2016).

Tendo em vista que os adolescentes se encontram numa grande faixa de risco no que refere a IST, pois o significativo aumento do desejo decorrente do amadurecimento hormonal pode levá-los a atitudes erradas e impensadas (PARKER; BARBOSA, 1996), é de responsabilidade da escola, mas não unicamente, fazer com que este tema ultrapassa as fronteiras disciplinares e de gênero, visando a

prevenção a infecções sexuais e a AIDS, já que este ambiente é o local onde o aluno continuará o seu processo de socialização tendo papel fundamental à formação de cidadãos.

Baseado nessas informações este trabalho objetivou expor um relato de experiência dos alunos do curso de Ciências Biológicas modalidade licenciatura da Universidade Federal da Paraíba no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID quando da execução de intervenção pedagógica no Centro Estadual de Ensino-Aprendizagem Sesquicentenário.

## **2- Resultados e Discussão:**

Foram realizadas duas intervenções na escola. Primeiramente foi aplicado um questionário pré-teste elaborado pelos próprios bolsistas com supervisão das orientadoras. Este questionário buscou analisar o nível de conhecimento dos discentes sobre o tema. A partir da análise deste, foi possível desenvolver as atividades abaixo.

### **3.1 - Estudos de caso sobre ISTs:**

Para efetivação da atividade “Estudos de casos sobre IST/AIDS” fizeram-se uso de materiais como: papel ofício com situações hipotéticas de relações sexuais desprotegidas e suas prováveis consequências. Essa atividade foi desenvolvida no dia 25 de agosto do corrente ano, no Centro Estadual de Ensino Aprendizagem Sesquicentenário, com cerca de 200 alunos da 3ª série do Ensino Médio. Para realizá-la, dividiu-se em cada turma equipes com cinco componentes, objetivando-se solucionar as situações problemas. Essas situações foram elaboradas pelos bolsistas com auxílio dos professores regentes. Visou-se uma abordagem através de desafios para serem solucionados pelos estudantes, estimulando suas capacidades de raciocínio lógico, criatividade e de integração dos conhecimentos biológicos construídos.

Ao todo foram utilizados três estudos de caso. O primeiro consistia de uma análise do comportamento dos indivíduos ao serem abordados pelo(a) parceiro(a) quando da solicitação do uso de preservativo mesmo antes do ato sexual. Foi levantada a discussão se tal solicitação era motivo de causar desconfiança no parceiro. Os quatro casos seguintes consistiram de análise de situações que resultaram em quadros clínicos de ISTs comuns. As doenças abordadas com os casos clínicos foram herpes, gonorreia, HIV/AIDS e Sífilis.

Como preconiza Freire (1979), só se apreende um conceito a partir da reflexão que se faz do contexto concreto; ou seja, são as experiências do indivíduo que lhe oferecem subsídios para analisar e refletir sobre a realidade, a partir disso, poderá problematizar sua vivência pessoal e íntima, e nesse sentido, esse processo ganhará um caráter transformador. A atividade “Estudos de casos sobre IST/AIDS”, objetivou despertar em seu público-alvo a reflexão a partir da análise de situações simuladas, as quais são passíveis de ocorrerem na realidade. Por acreditar que o conhecimento não é um ato passivo do homem diante do mundo, elaborou-se essa atividade para que juntos os estudantes construíssem seus conhecimentos, refletissem suas práticas e sobre as consequências a longo e curto prazo de atitudes inconsequentes.

### 3.2 – Oficina de perguntas e respostas:

Esta atividade foi realizada também com os alunos dos terceiros anos do Centro Estadual de Ensino Aprendizagem Sesquicentenário no dia 1 de setembro de 2017 com um número aproximado de 200 alunos. A oficina consistia no uso de uma caixa de papelão fechada, na qual os alunos eram encorajados a depositarem perguntas relativas ao tema sexualidade. Foram distribuídos círculos de cartolina nas cores vermelho, amarelo e verde onde os alunos deveriam colar suas perguntas com fita adesiva. Tais círculos indicavam o nível de dificuldade da pergunta de acordo com a dificuldade de abordá-la para os alunos. O círculo vermelho indicava grande dificuldade, o amarelo indicava média dificuldade e o verde baixa dificuldade.

As perguntas eram elaboradas de forma individual e anônima. Para evitar desconfortos, foi solicitado que os alunos ficassem dispostos de forma que as carteiras estivessem separadas, de tal modo que um aluno não pudesse ver a pergunta do outro aluno. Foi comunicado que a participação na atividade era voluntária e não obrigatória. Um total de cinco alunos optou por não participar. Após colocados dentro da caixa, os papéis com as perguntas eram sorteados para serem respondidos. O sorteio consistia simplesmente na retirada de um papel por alunos voluntários, porém tais alunos não viam suas mãos dentro da caixa, evitando assim que pegassem papéis determinados. Após a retirada do círculo portando o papel com a pergunta, esta era lida pelos bolsistas e posteriormente respondida.



*Figura 1: Bolsistas lendo e respondendo perguntas dos alunos.*

O conteúdo das perguntas variava desde comportamento com o(a) parceiro(a), perguntas sobre ISTs e ainda sobre perguntas próprias do ato sexual. Um tipo particular de pergunta apresentada que nos despertou a atenção foi aquela de cunho ideológico, no qual o aluno questionava se a abordagem do tema de sexualidade deveria ser apresentada aos alunos do Ensino Médio e ainda se tal abordagem não provocaria um início da vida sexual de forma prematura. Em algumas turmas, especialmente aquelas com menos alunos, foram respondidas todas as perguntas. Em algumas outras, contudo, não



houve tempo suficiente para responder todas as perguntas. Ainda, os papéis com as perguntas foram guardados pelos bolsistas para análise posterior.

Inerente ao tema sexualidade encontram-se enraizados tabus e vergonhas. Para que fosse possível responder todas as dúvidas dos discentes foi utilizada a caixa com as perguntas anônimas. Hossotani *et al.* (2014) indica que isso acarreta vergonha, constrangimento e retração por parte de alguns alunos e que por isso a escolha do método das perguntas na caixa anônima mostra-se importante a medida que os deixam anônimos. Desse modo foram apresentadas perguntas que eventualmente não seriam expostas por causa da timidez dos alunos. Esta ferramenta metodológica, contudo, possibilitou sanar as dúvidas desses alunos.



*Figura 2: Aluna pega pergunta aleatória da caixa.*

Especial interesse e agitação foi notado na execução desta atividade. Aos olhos da Teoria da Aprendizagem Significativa do psicólogo educacional estadunidense David Ausubel (Ausubel; Novak; Hanesian, 1980), o conhecimento é significativo a medida que entra em contato com experiências previamente adquiridas pelos estudantes. No que concerne ao tema da sexualidade, na idade em que se encontram o público alvo de nossa intervenção, este tema é certamente um de seus maiores interesses visto que se situam no processo de maturação sexual. Tal informação dialogada junto com os bolsistas fazia sentido aos estudantes já que os mesmos viam uma aplicabilidade concreta daquilo que aprendiam. Abaixo seguem alguns exemplos de perguntas respondidas pelos bolsistas:

1. Há o risco de engravidar com o sexo anal?
2. Existe perigo de contrair IST com o sexo oral?
3. Fazer muito sexo faz mal?

4. O que é homossexualismo?
5. Uma mulher pode engravidar de dois pais ao mesmo tempo?
6. Em um país desenvolvido não estariam as famílias mais aptas a educar seus filhos sobre temas de sexualidade e assim isso não precisaria ser abordado na escola?

### **3- Conclusão:**

A sexualidade é um tema complexo, logo, trabalha-la no contexto escolar requer preparação e habilidade do educador. Além disso, tal discussão traz a tona questionamentos de ordem ideológica que muitas vezes precisam ser manejados e discutidos. Contudo, haja vista os diversos acometimentos provocados por ISTs, justifica-se discussão de tal temática em ambiente escolar. Destacam os pesquisadores nesse projeto o intenso interesse dos estudantes adolescentes quando da aplicação da intervenção e a sanção de diversas dúvidas que, por ventura, poderiam culminar num comportamento sexual de risco.

#### 4- Referências:

MARQUES, A. M.; ROSA, R. A. Educação Sexual na Adolescência: meio rural vs meio urbano. **Saúde Reprodutiva: Sexualidade e Sociedade**, v. 1, p. 83-90, 2012.

CARVALHO, F. A.; BERTOLLI-FILHO, C. Sexualidade e educação sexual: enunciações e dispositivos nos contextos de ensino de ciências. In: ENPEC -VIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO PARA A CIÊNCIA, 2011, Campinas. ATAS do VIII ENPEC. Campinas: ABRAPEC/NUTES, 2011. v. VIII.

HOSSOTANI, J. S.; LIMA, L. P.; VENÂNCIO, L. M. C. T.; PINHEIRO, M. C. O. A técnica da caixa de perguntas anônimas como forma de trabalhar sobre o tema saúde e sexualidade. In: ENCONTRO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UFGD/UEMS. Dourados, 2014.

AUSUBEL, D. P.; NOVAK, J. D.; HANESIAN, H. Psicologia Educacional. 2º Ed. **Interamericana**. Rio de Janeiro, 1980.

BARROS, M. B. A. As mortes por suicídio no Brasil. In: CASSORLA, R. M. S. (Org.). Do suicídio: estudos brasileiros. 2. ed. Campinas: Papirus, 1998. p.41-59.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Temas transversais. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998b.

\_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Educação (CNE). Resolução n. 3, de 26 de junho de 1998. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília: DF, 1998a.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio). Brasília: MEC, 2000.

CARVALHO, F. A.; BERTOLLI-FILHO, C. Sexualidade e educação sexual: enunciações e dispositivos nos contextos de ensino de ciências. In: ENPEC -VIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO PARA A CIÊNCIA, 8., 2011, Campinas. Atas... Campinas: ABRAPEC/NUTES, 2011.

CARVALHO, F. A.; BERTOLLI-FILHO, C. Sexualidade e educação sexual: enunciações e dispositivos nos contextos de ensino de ciências. In: ENPEC -VIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO PARA A CIÊNCIA, 8., 2011, Campinas. Atas... Campinas: ABRAPEC/NUTES, 2011.



GÔNGORA, A. B.; SILVA, H. S. Oficina sobre infecções sexualmente transmissíveis e sexualidade para adolescentes: um relato de experiência. In: VI ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE BIOLOGIA, 6., n.9, 2016, Maringá. Livros... Maringá: SBEnBio, 2016. p. 4239-4249.

MARQUES, A. M.; ROSA, R. A. Educação Sexual na Adolescência: meio rural vs meio urbano. **Saúde Reprodutiva: Sexualidade e Sociedade**, v.1, 2012. p. 83-90.

PARKER, R.; BARBOSA, R. Diversidade sexual, análise sexual e educação sobre AIDS no Brasil. In: LOYOLA, M. A. Aids e sexualidade: o ponto de vista das ciências humanas. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. p.8-12.